

OS ELEMENTOS DÊITICOS NUM TEXTO DO GÊNERO FÁBULA

*Vanessa Just Blanco*¹

*Márcia Salomão Santos*²

*Arlinda Maria Caetano Fontes*³

Resumo: Procura-se, com o presente artigo, esclarecer conceitos relacionados aos elementos dêiticos do texto, com amparo em estudos realizados por José Luiz Fiorin, estabelecendo sua aplicação ao gênero textual fábula. Percebeu-se que, por meio da dêixis, podem-se imprimir ao texto significações diferentes e marcá-lo com características do gênero textual escolhido, bem como torná-lo mais coeso e coerente. É o que se tenta provar com a análise dos enunciados de uma fábula.

Palavras-chave: Dêiticos. Pronomes demonstrativos. Verbos. Advérbios. Pronomes pessoais.

Abstract: *THE DEITIC ELEMENTS IN A TEXT OF GENDER FABLE. We seek to, with this article, clarify concepts related to deictic elements of the text, supported on studies by José Luiz Fiorin, establishing their application to the fable genre. It was perceived that, per deixis, you can bestow to the text different meanings and mark it with the characteristics of the genre chosen, as well as make it more cohesive and coherent. It's what we try to prove with the analysis of statements of a fable.*

Keyword: *Deictics. Demonstrative pronouns. Verbs. Adverbs. Personal pronouns.*

Os dêiticos são elementos identificadores de pessoa, tempo e espaço na enunciação, os quais propiciam entendimento do discurso. Objetiva-se, então, esclarecer conceitos concernentes a essas categorias, bem como elucidar seu funcionamento na constituição de uma fábula.

Para a análise, foi escolhido este gênero textual, a fábula, porque emprega vocabulário bastante acessível e é pouco extenso, o que facilita a sua decomposição, tornando-o adequado para o trabalho docente na escola básica, alvo destas pesquisadoras. Assim, para que se pudesse perceber a importância da dêixis na compreensão e na construção de um texto coeso e coerente, resolveu-se mostrar, na

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras, Faculdade de Tecnologia do IPUC (FATIPUC), <vanessa.jblanco@gmail.com>.

² Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras, Faculdade de Tecnologia do IPUC (FATIPUC), <marciasalomaosantos@bol.com.br>.

³ Mestre em Comunicação/Semiótica pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), ex-professora e coordenadora do Curso de Letras da Faculdade de Tecnologia do IPUC (FATIPUC), <arlinda10@gmail.com>.

prática, os efeitos do uso desses elementos, destacando-se a grande contribuição que emprestam para a significação.

O trabalho será dividido em duas partes: na primeira, estruturada em quatro seções que focam as diferentes categorias gramaticais, trata-se do papel desempenhado pela dêixis no discurso; já na segunda, faz-se uma análise do emprego da dêixis em um texto do gênero fábula.

O papel da dêixis no discurso

Para tornar compreensível o conceito de dêixis, lembra-se que

o termo dêixis é de origem grega e designa a ação de mostrar, indicar, assinalar. Mas, para os gregos, somente os demonstrativos faziam parte dessa categoria. Segundo Parret (1988), o conceito surge da noção de referência gestual, isto é, do fato de o locutor identificar o referente por meio de um gesto corporal (PIRES; WERNER, 2007, p. 147).

O homem, há muito tempo, faz uso, em sua linguagem, de indicativos linguísticos, entre os quais, os mais usados são os pronomes demonstrativos. Mesmo que não se pronuncie algum vocábulo, ao se apontar para objetos com a intenção de comunicar algo, faz-se referência gestual. Com a evolução da linguagem, o ser humano passou a usar a palavra para fazer menção a objetos, pessoas, tempos e lugares. A partir dessa progressão linguística, tem-se que

o termo dêixis é atualmente usado em linguística para referir a função dos pronomes pessoais e demonstrativos, dos tempos e de uma variedade de formas gramaticais e léxicas que relacionam enunciados com as coordenadas espaço-temporais do ato de enunciar (LYONS *apud* BARBARI, 2011, p. 4).

Um conceito bastante apropriado que cabe ressaltar é o de Câmara Junior (2002, p. 90):

Dêixis – faculdade que tem a linguagem de designar mostrando, em vez de conceituar. A designação dêítica, ou mostrativa, figura assim ao lado da designação simbólica ou conceptual em qualquer sistema lingüístico. Podemos dizer que o SIGNO lingüístico apresenta-se em dois tipos – o SÍMBOLO, em que um conjunto sônico representa ou simboliza, e o SINAL, em que o conjunto sônico indica ou mostra [...]. O pronome é justamente o vocabulário que se refere aos seres por dêixis em vez de o fazer por simbolização como os nomes. Essa dêixis se baseia no esquema lingüístico das três pessoas gramaticais que norteia o discurso: a que fala, a que ouve e todos os mais situados fora do eixo falante-ouvinte.

Os elementos dêiticos, como os pronomes pessoais, os pronomes demonstrativos,⁴ os sufixos modo-temporais e os advérbios, esclarecem e enobrecem o enunciado. Fiorin (1990, p. 163), ao tratar sobre projeções da enunciação, entende a dêixis como um identificador das categorias de pessoa, espaço e tempo, ou do *ego-hic-nunc*.

O papel dos dêiticos é, além de fazer referências que permitem a compreensão dos termos das instâncias enunciativas, contribuir para que se estabeleça a coesão e, por conseguinte, a coerência discursiva. Segundo Antunes (2005), a função da coesão é a de criar, estabelecer e sinalizar os laços que deixam os vários segmentos do texto ligados, articulados, encadeados. É a coesão que faz com que as partes do texto – das palavras aos parágrafos – não fiquem soltas, fragmentadas, mas permaneçam ligadas, unidas entre si.

Portanto, é por meio dessa constante referência ao tempo, ao espaço e à pessoa que os dêiticos imprimem ao enunciado que se percebe que há relação entre a função prática da dêixis e o papel da coesão. Conforme Fiorin (2004, p. 161), os dêiticos são elementos que indicam o lugar ou o tempo em que o enunciado é produzido ou, então, os participantes de uma situação de produção do enunciado, ou seja, de uma enunciação. No tocante ao papel dos dêiticos, Barbari (2011, p. 1) assim se expressa:

Instrumentos linguísticos responsáveis pela coesão, os dêiticos funcionam também no sentido de enriquecer o sentido do texto. Isso acontece porque, além de assegurarem uma ligação entre os elementos que atuam na superfície textual, fazem referência à situação de enunciação, constitutiva do sentido dos enunciados.

Tomaram-se para análise, neste artigo, os elementos dêiticos indicados por Fiorin (2004, p. 161-2): “os pronomes pessoais que indicam os participantes da comunicação, **eu/tu**; os marcadores de espaço, como os advérbios de lugar e os pronomes demonstrativos (aqui, lá, este, esse, aquele); os marcadores de tempo (agora, hoje, ontem)”. A seguir, discorre-se sobre cada uma dessas categorias gramaticais por meio do uso de termos destacados nas fábulas abaixo transcritas.

⁴ Tanto quando empregados como pronomes substantivos ou quando forem usados como pronomes adjetivos.

O Galo e a Raposa

1 O galo cacarejava **em cima** de uma árvore. Vendo-o **ali**, a raposa tratou de bolar uma
2 estratégia para que ele descesse e fosse o prato principal de seu almoço.
3 – Você já ficou sabendo da grande novidade, galo? – perguntou a raposa.
4 – Não. Que novidade é **essa**?
5 – Acaba de ser assinada uma proclamação de paz entre todos os bichos da terra, da água e do
6 ar. **De hoje em diante**, ninguém persegue mais ninguém. No reino animal **haverá** apenas paz,
7 harmonia e amor.
8 – Isso parece inacreditável! – comentou o galo.
9 – Vamos, desça da árvore que **eu** lhe darei mais detalhes sobre o assunto – disse a raposa.
10 O galo, que de bobo não tinha nada, desconfiou que tudo não passava de um estrategema da
11 raposa. Então, fingiu estar vendo alguém se aproximando.
12 – Quem vem lá? Quem vem lá? – perguntou a raposa curiosa.
13 – Uma matilha de cães de caça – respondeu o galo.
14 – Bem... nesse caso é melhor **eu** me apressar – desculpou-se a raposa.
15 – O que é **isso**, raposa? **Você está** com medo? Se a tal proclamação está mesmo em vigor, não
16 há nada a temer. Os cães de caça não vão atracá-lo como costumavam fazer.
17 – Talvez eles ainda não saibam da proclamação. Adeusinho!
18 E **lá** foi a raposa, com toda a pressa, em busca de uma outra presa para o seu almoço.

É preciso ter cuidado com amizades repentinas.

(LA FONTAINE, 1998, p. 34)

A Lebre e a Tartaruga

1 A lebre vivia a se gabar de que era o mais veloz de todos os animais. Até o dia em que se
2 encontrou a tartaruga.
3 – Eu tenho certeza de que, se apostarmos uma corrida, serei a vencedora – desafiou a
4 tartaruga.
5 A lebre caiu na gargalhada.
6 – Uma corrida? Eu e você? Essa é boa!
7 – Por acaso você está com medo de perder? – perguntou a tartaruga.
8 – É mais fácil um leão cacarejar do que eu perder uma corrida para você – respondeu a lebre.
9 No dia seguinte a raposa foi escolhida para ser juíza da prova. Bastou dar o sinal de largada
10 para a lebre disparar na frente a toda velocidade. A tartaruga não se abalou e continuou na disputa. A
11 lebre estava tão certa da vitória que resolveu tirar uma soneca.
12 “Se **aquela** molenga passar na minha frente, é só correr um pouco que eu ultrapasso” –
13 pensou.
14 A lebre dormiu tanto que não percebeu quando a tartaruga, em sua marcha vagarosa e
15 constante, passou. Quando acordou, continuou a correr com ares de vencedora. Mas, para sua surpresa,
16 a tartaruga, que não descansara um só minuto, cruzou a linha de chegada em primeiro lugar.
17 Desse dia em diante, a lebre tornou-se o alvo das chacotas da floresta.
18 Quando dizia que era o animal mais veloz, todos lembravam-na de uma certa tartaruga...

Quem segue devagar e com constância sempre chega na frente.

(LA FONTAINE, 1998, p. 32)

O Pastor e o Lobo

1 Um pastor de ovelhas achava a vida muito monótona. Por isso, inventava de tudo para se
2 distrair. A sua diversão favorita era fingir que estava em apuros.
3 – Um lobo! Socorro! Socorro! – costumava gritar aos quatro ventos.
4 Quando as pessoas do povoado vinham em seu socorro, encontravam-no perfeitamente seguro,
5 rindo a valer.
6 Um dia apareceu um lobo de verdade na frente do pastor. Desesperado, ele começou a gritar
7 como sempre fazia:
8 – Um lobo! Socorro! Socorro!
9 **Dest**a vez ninguém veio socorrê-lo, e o pastor teve de se esconder em cima de uma moita de
10 espinhos, enquanto o lobo devorava todas as suas ovelhas.

Quando os mentirosos falam a verdade, ninguém acredita.

(LA FONTAINE, 1998, p. 38)

Os pronomes pessoais **Eu** e **Tu**

Para Cunha e Cintra (2008), os pronomes pessoais **eu** e **tu** designam, respectivamente, o enunciador e o enunciatário do discurso. O primeiro representa **quem fala**, eu, 1.^a pessoa do singular; e o segundo simboliza aquela pessoa **com quem se fala**, tu, a 2.^a do singular.

Consoante Fiorin (2004), os pronomes **eu** e **tu** são considerados elementos dêiticos da categoria de pessoa. Eles desempenham os papéis de participantes da enunciação, não recebendo classificação de gênero feminino ou masculino, pois são invariáveis. Também não possuem plural, visto que o termo **nós** é considerado designativo de uma pessoa ampliada (**eu** mais **outros**), assim como **vós** (**tu** mais **eles**). Esses pronomes pessoais, ao serem instalados no texto, neste caso, na fábula, são tidos como elementos de debreagem actancial enunciativa com a função de criar efeitos de subjetividade. Como a fábula – gênero discursivo focado neste artigo – molda-se na tipologia narrativa, evidencia grande relação entre as pessoas do discurso, **eu** e **tu**.

Fiorin (2004, p. 164) afirma que “**eu** e **tu** são reversíveis na situação de enunciação. Quando dirijo a palavra a alguém, ele é o **tu**; quando ele me responde, ele passa a ser o **eu** e eu torno-me **tu**”.

Exemplifica-se o uso do pronome pessoal como indicador de pessoa da enunciação, por meio da fábula **O galo e a raposa**, na qual, nas linhas 9 e 15, é possível ver-se a instalação da 1.^a pessoa do singular criando um efeito de subjetividade na narração. Ao se

compararem as pessoas em destaque nas linhas 15 e 16, verifica-se a transição do sujeito **eu/raposa** para **você/raposa**, conforme a teoria da reversibilidade na situação de enunciação, de Fiorin (2004), explicada anteriormente.

Os pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos são importantes marcadores de pessoas do discurso, situando-as tanto no tempo quanto no espaço. Cunha e Cintra (2008, p. 342) assim os caracterizam:

Os pronomes demonstrativos situam a pessoa ou a coisa designada relativamente às pessoas gramaticais. Podem situá-lo no espaço ou no tempo. [...] A capacidade de mostrar um objeto sem nomeá-lo, chama-se *função deíctica* (do grego *deiktikós* = próprio para demonstrar, demonstrativo), é a que caracteriza fundamentalmente esta classe de pronomes.

Os pronomes demonstrativos apresentam-se sob duas formas: “variáveis – este, esse, aquele, esta, essa, aquela – e invariáveis – isto, isso, aquilo” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 343).

Considerando-os em suas relações com o discurso, conforme Cunha e Cintra (2008, p. 343-5), os pronomes demonstrativos possuem os seguintes traços distintivos:

- a) **este, esta e isto** indicam o que está perto da pessoa que fala, o tempo presente em relação à pessoa que fala;
- b) **esse, essa e isso** designam o que está perto da pessoa a quem se fala, o tempo passado ou futuro com relação à época em que se coloca a pessoa que fala;
- c) **aquele, aquela e aquilo** denotam o que está afastado tanto da pessoa que fala como da pessoa a quem se fala: um afastamento no tempo, de um modo vago; ou uma época remota.

Para Fiorin (2004), há um tempo linguístico que é estabelecido em função da enunciação. Ele destaca que

o tempo é, pois, a categoria linguística que marca se um acontecimento é concomitante, anterior ou posterior a cada um dos momentos de referência (presente, passado, futuro), estabelecidos em função do momento da enunciação (FIORIN, 2004, p. 167).

No enunciado, o uso do pronome demonstrativo pode indicar tempo de acontecimentos, como **neste momento** – agora –, **nesse momento** – no passado, **naquele momento** – em passado distante.

Em relação à ideia de lugar,

o pronome demonstrativo atualiza um ser do discurso, situando-o no espaço. Segundo inúmeros linguistas, essa classe de palavras tem duas funções distintas: uma de designar ou mostrar (dêitica) e uma de lembrar (anafórica). Em função dêitica, no português moderno, está havendo uma neutralização da oposição *este/esse*. *Esse (este)* assinala proximidade dos participantes da enunciação e *aquele*, distância desses participantes (FIORIN, 2004, p. 174).

Fiorin (2004, p. 175) afirma que, “em função dêitica, **este** e **esse** indicam o espaço da cena enunciativa e **aquele**, o que está fora dela. **Este**, por sua vez, marca o espaço do enunciador, isto é, o que está próximo do eu; **esse**, o espaço do enunciatário, ou seja, o que está perto do tu. Em outras palavras, **este** é o espaço da 1.^a pessoa, **esse**, o da 2.^a pessoa, e **aquele**, o da 3.^a pessoa”.

Exemplifica-se o uso do pronome demonstrativo como indicador de pessoa, em um espaço ou tempo da enunciação, por meio da fábula **O galo e a raposa**, na qual, nas linhas 4 e 16, visualiza-se a instalação dos pronomes demonstrativos **essa** e **isso** indicando que o fato aconteceu próximo da pessoa a quem se fala (2.^a pessoa).

Na fábula **A Lebre e a Tartaruga**, encontra-se o pronome **aquela**, linha 13, indicando um grande afastamento entre o ser **tartaruga** e o narrador **coelho**. Já, em **O Pastor e o Lobo**, a presença do pronome **desta**, linha 9, indica proximidade e, principalmente, especificação de um momento.

Os advérbios

Cunha e Cintra (2008, p. 555-6) explicam que “os advérbios são, fundamentalmente, termos modificadores do verbo. Eles recebem a denominação da circunstância ou de outra idéia acessória que expressam”. Ressaltam-se, neste artigo, os advérbios de lugar e de tempo que atendem às funções dêiticas.

Cunha e Cintra (2008, p. 557) relacionam as seguintes palavras como advérbios de lugar: “abaixo, acima, adiante, aí, além, ali, aqui, atrás, através, cá, defronte, dentro, detrás, fora, junto, lá, longe, onde, perto, etc.”.

E, como advérbios de tempo, os mesmos autores listam estes: “agora, ainda, amanhã, anteontem, antes, breve, cedo, depois, então, hoje, já, jamais, logo, nunca, ontem, outrora, sempre, tarde, etc.” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 557).

Os advérbios, então, constituem-se como a principal classe gramatical empregada para expressar o espaço e o tempo da enunciação, o que Fiorin menciona em várias obras (1990; 2004; FIORIN; SAVIOLI, 2007). No tópico em que se tratou dos pronomes demonstrativos, já foram esclarecidos alguns conceitos básicos dessas categorias de espaço e tempo.

Ressaltam-se, a seguir, algumas nuances da categoria de tempo, consoante Fiorin (2004, p. 168-9).

a) Presente pontual: ocorre quando existe coincidência entre momento de referência (MR) e momento da enunciação (ME).

b) Presente durativo: dá-se quando o momento de referência é mais longo do que o momento da enunciação. A duração é variável, pode ser pequena ou muito longa. Ademais, pode ser contínua ou descontínua.

c) Presente omnitemporal ou gnômico: é o tempo em que o momento de referência é ilimitado e, portanto, também o é o momento do acontecimento. É o presente utilizado para enunciar verdades eternas ou que se pretendam como tais. Por isso, é a forma verbal mais utilizada pela ciência, pela religião, pela sabedoria popular – máximas e provérbios.

Há advérbios específicos para indicar o tempo em que ocorrem ações concomitantes, anteriores ou posteriores em relação a outra. Para esse autor⁵, eles se articulam em um sistema enunciativo ou enuncivo: no primeiro caso – sistema enunciativo –, centram-se no momento de referência presente, idêntico ao momento da enunciação; já no segundo – sistema enuncivo –, organizam-se em torno de um momento de referência pretérito ou futuro. A esses momentos de referência – enunciativo e enuncivo –, segundo Fiorin (2004, p. 173), “aplica-se a categoria concomitância *versus* não-concomitância (anterioridade *versus* posterioridade)”. Em anexo, traz-se uma grade de distribuição dos advérbios nesse contexto temporal, conforme Fiorin (2004, p. 174).

Para Fiorin (2004, p. 174),

⁵ *Apud* BARONAS (2009)

o espaço linguístico ordena-se a partir do *hic*, ou seja, do lugar do *ego*. Todos os objetos são assim localizados, sem que tenha importância seu lugar físico no mundo, pois aquele que os situa se coloca como centro e ponto de referência da localização. [...] Os advérbios de lugar constituem duas séries: uma tricômica, aqui, aí, ali e uma dicotômica, cá, lá. Aqui e aí marcam o espaço da cena enunciativa, sendo que este assinala o espaço do tu e aquele, o do eu; ali indica o espaço fora da cena enunciativa.

Exemplifica-se, por meio da fábula **O galo e a raposa**, o uso do advérbio como indicador de tempo e espaço da enunciação. Na linha 1, com a instalação da locução adverbial de lugar **em cima**, vê-se marcado o espaço da cena enunciativa e, nas linhas 1 e 19, a presença dos advérbios de lugar **ali** e **lá** assinala o espaço fora da cena enunciativa; na linha 6, tem-se a locução adverbial de tempo **de hoje em diante** com a função de mostrar que o fato ocorrerá posteriormente ao momento da enunciação.

Os verbos

Segundo Cunha e Cintra (2008, p. 393-4), “verbo é uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo. [...] O verbo apresenta variações de número, de pessoa, de tempo, de aspecto e de voz”. Sabe-se que

o tempo é a variação que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo. Os três tempos naturais são o presente, o pretérito (ou passado) e o futuro, que designam, respectivamente, **um fato ocorrido no momento em que se fala, antes do momento em que se fala e após o momento em que se fala** (CUNHA; & CINTRA, 2008, p. 395).

Quanto ao tempo indicado pelo verbo, por meio do sufixo modo-temporal, Fiorin (2004) traz diferentes classificações. Para ele, o tempo pode configurar-se como enunciativo ou enuncivo.

1) Tempos enunciativos

Os tempos enunciativos, cuja classificação – dada por Fiorin (2004, p. 166-74) – apresenta-se a seguir, dizem respeito ao momento da enunciação.

a) Presente – marca uma coincidência entre o momento do acontecimento e o momento de referência presente. Nas linhas 14 e 15 da fábula **O Galo e a Raposa**, é possível perceber que a matilha de cães de caça se aproxima no momento de referência presente.

b) Pretérito perfeito 1⁶ – marca uma relação de anterioridade entre o momento do acontecimento e o momento de referência presente. Em “acaba de ser assinada uma proclamação de paz”, linha 5 da fábula **O Galo e a Raposa**, tem-se uma ação anterior ao momento da fala das personagens. Pode-se dizer, portanto, que, nessa passagem, o tempo presente **acaba** é utilizado para produzir efeito de sentido de passado.

c) Futuro do presente – indica uma posterioridade do momento do acontecimento em relação a um momento de referência presente. Na linha 6 da fábula **O Galo e a Raposa**, a expressão “de hoje em diante, ninguém persegue mais ninguém” esclarece que há uma posterioridade ao momento em que ocorre o discurso das personagens. É o emprego do tempo presente produzindo efeito de sentido de futuro.

2 Tempos enuncivos

Os tempos enuncivos dizem respeito a um momento de referência passado ou futuro. Veja-se, pois, como eles se comportam em relação ao sentido, conforme Fiorin (2004, p. 166-74).

a) Pretérito perfeito 2 e pretérito imperfeito – estabelecem concomitância do momento do acontecimento em relação a um momento de referência pretérito. Na fábula **A Lebre e a Tartaruga**, linha 1, tem-se “A lebre vivia a se gabar de que era o mais veloz de todos os animais”. Nesse trecho, vê-se que, a partir do verbo **vivia**, instaura-se um momento de referência pretérito (expresso pelo uso do pretérito imperfeito), que é concomitante àquele em que a lebre exerce a ação de gabar-se.

b) Pretérito mais-que-perfeito – indica uma relação de anterioridade entre o momento do acontecimento e o momento de referência pretérito. Na fábula **O Pastor e o Lobo**, linhas 4 e 5, lê-se: “Quando as pessoas do povoado vinham em seu socorro,

⁶ Pretérito perfeito 1 marca uma relação de anterioridade entre o momento do acontecimento e o momento de referência presente. A concomitância do momento do acontecimento em relação a um momento de referência pretérito pode exprimir-se tanto pelo pretérito perfeito 2 quanto pelo pretérito imperfeito. [...] o pretérito perfeito 2 assinala um aspecto limitado, acabado, pontual [...] (FIORIN, 2004, p. 169-70).

encontravam-no perfeitamente seguro, rindo a valer”. Nesse fragmento, entende-se que o momento de referência (MR) pretérito, no qual a situação da chegada das pessoas do povoado ocorria, é precedido de outra situação anterior ao momento do acontecimento (MA) que é a da segurança do pastor. Para marcar o MR, aparece o verbo *vir* no pretérito imperfeito, enquanto o MA dá-se com o uso do verbo *encontrar* no pretérito mais-que-perfeito.

c) Futuro do pretérito – exprime uma relação de posterioridade do momento do acontecimento em relação a um momento de referência pretérito. Se se alterar a frase “Desse dia em diante, a lebre tornou-se o alvo das chacotas da floresta”, linha 19 da fábula **A Lebre e a Tartaruga**, para **Desse dia em diante, a lebre tornar-se-ia o alvo das chacotas da floresta**, constatar-se-á que o MR futuro **desse dia em diante** significa um acontecimento anterior em a **lebre tornar-se-ia o alvo das chacotas da floresta**. Por isso, diz-se com propriedade tratar-se de futuro do pretérito.

d) Presente do futuro – não existe em português uma forma específica para designar esse tempo: é expresso por um futuro do presente simples ou um futuro do presente progressivo (futuro do presente do auxiliar *estar* + gerúndio) correlacionados a um marco temporal futuro. Se for mudada a frase “No dia seguinte a raposa foi escolhida para ser juíza da prova”, linha 10 da fábula **A Lebre e a Tartaruga**, para **No dia seguinte a raposa será escolhida para ser juíza da prova**, ver-se-á que o verbo **será escolhida** expressa uma ação que ocorre concomitantemente ao tempo indicado com a expressão **no dia seguinte**, que é um MR futuro.

e) Futuro do presente composto – marca anterioridade em relação a um momento de referência futuro. Se, em relação à fábula **A Lebre e a Tartaruga**, disser-se que, **quando a lebre acordar, a tartaruga terá cruzado a linha de chegada em primeiro lugar**, perceber-se-á que o fato de a tartaruga cruzar a linha de chegada antes ocorreu anteriormente ao MR futuro, representado por **quando a lebre acordar**.

f) Futuro do presente simples – determina posterioridade em relação a um momento de referência futuro. Em “Eu tenho certeza de que, se apostarmos uma corrida, serei a vencedora”, linha 3 na fábula **A Lebre e a Tartaruga**, tem-se o MR futuro representado pela expressão **se apostarmos uma corrida**. E, posteriormente a esse acontecimento no futuro, ocorre o que a lebre afirma: **serei a vencedora**. Há, portanto, uma ação posterior ao MR futuro.

Análise dos elementos dêiticos em uma fábula

A escolha deste gênero discursivo – a fábula – deve-se ao fato de ser ele muito mais do que um mero texto didático-moralizante que, predominantemente, apresenta animais como personagens. A fábula pode ser percebida em seu valor estético, nos recursos expressivos com os quais se produzem os sentidos de cada história, sempre ao agrado de leitores de qualquer idade. Nesta seção, parte-se da leitura de uma fábula e analisam-se os efeitos de sentido produzidos pela presença dos dêiticos (indicadores linguísticos), bem como eles podem ser percebidos pelos leitores. Isso, com certeza, será de grande valia para a compreensão e a interpretação do texto, podendo, assim, dar suporte ao trabalho didático nas escolas. Ilustra-se a importância desta percepção, ressaltando-se as palavras de Rodari (1982, p. 116):

[...] Vem depois, ou ao mesmo tempo, o contato com a língua materna, suas palavras, suas formas, suas estruturas. Nunca podemos perceber o momento em que a criança, escutando uma fábula, assenhoreia-se por absorção de uma determinada relação entre os termos do discurso, me parece certo que a fábula representa para a criança um fornecimento de informações sobre a língua. Do seu trabalho em entender a fábula, faz parte a compreensão das palavras que constam dela, para estabelecer analogias entre elas, para completar deduções alargar ou restringir, precisar ou corrigir o campo de um significante, os confins de um sinônimo, a esfera de influência de um adjetivo.

Para a análise dos elementos dêiticos – pronomes pessoais, pronomes demonstrativos, advérbios e verbos – foi selecionada outra fábula de La Fontaine: O rato da cidade e o rato do campo. Tomam-se como base para explicação da funcionalidade dêitica as categorias de tempo, espaço e pessoa já tratadas anteriormente, na visão de Fiorin (2004). Inicie-se, então, pela leitura da fábula.

O rato da cidade e o rato do campo

- 1 O rato que morava no campo convidou seu amigo da cidade para almoçar. No dia combinado,
2 o rato da cidade partiu saltitante para o campo, sonhando com um banquete. Ao chegar lá, a mesa do
3 almoço já estava servida e sobre **ela** havia apenas um prato com grãos de ervilha sem sal e outro com
4 raízes amargas.
5 – Sirva-se à vontade! – disse o rato do campo.
6 – **Você** está brincando! Eu, um rato acostumado às mais finas iguarias, comer **isso**?
7 – Pois é **isso** que **eu** como todos os dias – explicou o rato do campo.
8 – Não é à toa que **você** é um magricela. Venha morar comigo na cidade que **eu** lhe garanto que
9 terá a mesa farta de um rei!
10 – Vamos, não há tempo a perder – insistiu o outro.

11 Ao chegarem à luxuosa casa no assoalho da qual vivia o rato da cidade, os dois foram direto para a
12 cozinha. O amigo do campo viu então um armário repleto de deliciosas comidas: queijo, mel,
13 biscoitos, chocolates e muito toucinho. Perdeu a fala diante de tantas gostosuras!
14 – Vamos, vamos começar o nosso banquete! – disse o rato da cidade.
15 Porém, antes que **eles** pudessem dar a primeira mordida num pedaço de queijo parmesão,
16 alguém entrou na cozinha, obrigando os dois a se esconderem no primeiro buraco que encontraram.
17 Era tão apertado ali que **eles** mal podiam respirar. Mas tiveram de aguentar firme até que o intruso,
18 que na verdade era dona da casa, desaparecesse.
19 – Agora ninguém nos segura! – disse o rato da cidade.
20 Antes que tivessem tempo de subir novamente no armário, a empregada apareceu na cozinha
21 com uma enorme vassoura. Os dois ratos tiveram de se esconder novamente, **desta** vez num buraco
22 ainda menor. E por ali foram obrigados a ficar durante horas.
23 Cansado, dolorido e faminto, o rato do campo resolveu partir.
24 – E **você** vai abandonar todas **essas** montanhas de comida? – perguntou o rato da cidade.
25 – Montanhas? De hoje em diante só quero saber das montanhas que vejo da minha casa,
26 enquanto saboreio minha comidinha simples em paz. Faça bom proveito de suas finas e perigosas
27 iguarias. Adeus!
28 E lá se foi o rato do campo de volta para o lugar de onde, **ele** agora tinha certeza, nunca
29 deveria ter saído.

Mais vale uma vida simples e sossegada que muito luxo com perigos e preocupações.
(LA FONTAINE, 1998, p. 6-7)

Na fábula acima, tem-se o uso dos pronomes pessoais **eu** e **você**. Esse último funciona como o **tu** da enunciação, o alocutário. Fiorin (2004, p. 165), como afirmado anteriormente neste artigo, traz esses dois pronomes – eu e tu/você – como indicadores da categoria de pessoa.

Nas linhas 6, 7, 8, e 25, esses dêiticos podem ser encontrados. Todos foram utilizados com a intenção de mencionar alguém já citado no texto, como em “Você está brincando!”, na linha 6, em que há relação direta do pronome **você** com a personagem – pessoa – **rato do campo**. Há, pois, aplicação lógica desses elementos indicadores de pessoa na enunciação, tendo-se em vista, também, a importância da coesão e da coerência que esses elementos agregam ao texto com sua função de evitar repetições de nomes.

Na fábula, principalmente, o uso dos pronomes **eu** e **tu/você** é bastante comum, transmitindo por seu meio uma informação clara e objetiva – própria para a linguagem infanto-juvenil – de quem é o sujeito da enunciação e de quem é o enunciatário.

Percebe-se também, na leitura do texto em estudo, a relação entre **eu** e **tu/você**, abordada por Fiorin, sendo esses elementos reversíveis na situação de enunciação. Essa percepção é facilmente verificada na linha 7, em que o **eu** é o interlocutor **rato do campo**, e, em seguida, ocorre uma reversibilidade, na linha 8, quando o locutor anterior passa a ser o

alocutário; ou seja, o **rato do campo**, agora representado por **você**, deixou de exercer o papel de locutor, o qual passou a pertencer ao **rato da cidade**.

Essa alternância de significados dos pronomes pessoais é explicada, pois, no ato da fala, condicionado ao sujeito que enuncia, ao mesmo tempo, o outro se submete a ser seu alocutário. Conclui-se, assim, que o sujeito é construído na situação de produção do discurso.

Os pronomes **ele/eles/ela**, embora presentes nas linhas 3, 16, 18 e 30, nesses casos, não estão sendo utilizados como objeto de estudo, uma vez que se considera apenas o enfoque principal da narração, que são as personagens participantes da enunciação, e não, as externas a ela, como seria o caso dos pronomes de 3.^a pessoa. Além disso, o foco em 1.^a e 2.^a pessoas permite maior subjetividade, ponto bastante importante na fábula, já que essa é de caráter moralizante, devendo, pois, levar o leitor à reflexão e à mobilização de suas emoções.

Outro método de referenciação apresentado nesta fábula é o uso dos pronomes demonstrativos, os quais podem ser encontrados nas linhas 6, 7, 23 e 25. Dentre os demonstrativos utilizados, não constam aquele/aquela/aquilo, que acabariam por levar o leitor a uma situação, novamente, externa à enunciação: ou remontariam a um passado distante ou a uma 3.^a pessoa que não existiria no discurso.

Em “Eu, um rato acostumado às mais finas iguarias, comer isso?” – linha 6 – e “Pois é isso que eu como todos os dias” – linha 7 –, há clareza quanto à função do pronome demonstrativo como indicador de um objeto em um espaço. Ao usar **isso**, o autor confere ao objeto certo distanciamento da pessoa que enuncia. Ou seja, o objeto está em um espaço distante do enunciador. O mesmo ocorre com o demonstrativo **essas** em “E você vai abandonar todas essas montanhas de comida?” – linha 25.

Já em “Os dois ratos tiveram de se esconder novamente, **desta** vez num buraco ainda menor” – linhas 22 e 23 –, o pronome demonstrativo **esta**⁷ não está conferindo ideia de espaço, mas, de tempo. A expressão **desta vez** implica o mesmo que dizer naquele momento presente, concomitante ao acontecimento.

Além desses recursos dêiticos de que já se falou como indicadores de tempo – os pronomes demonstrativos –, têm-se, também, os verbos com seus sufixos modo-temporais. Observa-se, na fábula em estudo, predominância de verbos que indicam um marco de

⁷ Lembra-se, a título de esclarecimento, que a forma **desta** é resultante da combinação da preposição **de** com o pronome demonstrativo **esta**.

referência pretérito, o qual se modifica no momento do discurso entre os interlocutores, passando para o MR presente. Por isso, é deles que se tratará a seguir.

Em “O rato que morava no campo convidou seu amigo da cidade para almoçar”, linha 1, há dois momentos diferentes dentro do mesmo marco de referência. O momento de referência, nesse caso, é o presente do pretérito, pois naquele tempo, que é anterior à enunciação, concomitantemente, o rato **morava** e **convidou** seu amigo para almoçar. Em **morava**, tem-se um pretérito imperfeito que, ao ser empregado, indica um pretérito durativo, ou seja, que permanece até o momento de referência – presente do pretérito. Contrariamente, **convidou** esclarece que naquele momento pretérito a ação iniciou e acabou, sendo, pois, pontual.

Em “De hoje em diante só **quero** saber das montanhas que **vejo** da minha casa, enquanto **saboreio** minha comidinha simples em paz” – linhas 27 e 28, reconhece-se o momento de referência presente. Todos os verbos usados trazem a indicação de que se tem um presente do presente, visto que, naquele momento de referência, as situações que o ratinho vivenciava, imaginariamente, ocorriam concomitantemente com a enunciação.

Por fim, como se espera de uma fábula, o término com o verbo – dever – ainda no MR pretérito, mas agora anterior ao momento da enunciação, e, portanto, futuro do pretérito, é utilizado para conferir ao discurso um ar moralizante – “E lá se foi o rato do campo de volta para o lugar de onde, ele agora tinha certeza, nunca deveria ter saído” – linhas 30 e 31. Com essa frase, tem-se claro que, no momento de referência pretérito, o rato fez uma escolha errada, pois não deveria, se pensasse no futuro, ter saído daquele local.

Duas questões se impõem: pergunta-se por que ocorre a predileção pelo uso do marco referencial pretérito na narração dos fatos e por que esse é modificado para o momento de referência presente no discurso dos interlocutores. A resposta é simples. Para construir o caráter instrutivo da fábula, é preciso mostrar que uma situação tenha sido vivenciada para que sirva de exemplo a quem a lê. Por isso, conta-se uma história que ocorreu com alguém, em que o desfecho não tenha sido benéfico para essa personagem, assim, levando o narratário à conclusão de que não deve ter a mesma atitude para que não se prejudique.

Continuando a reflexão sobre os elementos dêiticos contidos nesta fábula, traz-se para análise o advérbio: principalmente os de tempo e de lugar. Na maior parte das vezes em que o advérbio foi usado, seu formato é de expressão adverbial, como na linha 11, em “ao chegarem à luxuosa casa **no assoalho** da qual vivia o rato da cidade” (expressão adverbial de lugar) [...].

Ou seja, especifica-se o espaço com o uso de uma expressão adverbial bastante completa, repleta de informações: **no assoalho**. Na linha 23, em “E por **ali** foram obrigados a ficar **durante horas**”, observa-se o uso de um advérbio de lugar em forma de palavra – **ali** – e, também, uma expressão adverbial de tempo: **durante horas**. Voltando-se à linha 20, em “Agora ninguém nos segura!”, encontra-se mais um advérbio em forma de palavra: **agora**.

Viu-se, pois, que é possível encontrarem-se advérbios de tempo e de lugar tanto em forma de expressões como de palavras. Já na linha 1 do texto, o leitor se depara com uma locução adverbial de lugar, em “O rato que morava **no campo** convidou seu amigo da cidade para almoçar”; e, na linha 2, em “**no dia combinado**, o rato da cidade partiu saltitante para o campo”, visualiza-se uma locução adverbial de tempo. Registra-se, ainda, o uso de advérbio não fazendo menção ao nome do lugar imaginado sobre o qual o enunciador discorre com as expressões adverbiais, mas referindo um lugar já citado na narrativa, como na linha 23, em “E por **ali** foram obrigados a ficar durante horas”, passagem em que **ali** se refere a **buraco** – linha 23.

Considerações Finais

Os dêiticos mostraram-se importantes indicadores de pessoa, espaço e tempo nas fábulas aqui analisadas, visto que, nesse gênero textual, por se tratar de espécie narrativa, é necessário fazer referências a personagens, lugares e temporalização. Além disso, como foi possível perceber, esses elementos dêiticos enriquecem o texto, permitindo variações no uso de palavras e expressões, levando à coesão, à coerência e à demonstração de conhecimento linguístico por parte do locutor.

Enfim, o domínio pragmático da dêixis confere eloquência ao discurso sem, no entanto, fugir ao contexto proposto na fábula, permanecendo o texto claro, de fácil entendimento. Esse recurso, como se sabe, modifica-se de acordo com o gênero textual. Na fábula, a percepção que se tem é a de uso constante de verbos que indicam o presente do pretérito, mas a prevalência dessa categoria de tempo modifica-se conforme variam os gêneros textuais.

Por isso, mais estudos com a dêixis em diferentes gêneros textuais são necessários para que seja possível identificar sua incidência e os efeitos diferenciados que produz em cada

situação de enunciação, originando novos significados. Trabalhos dessa natureza, com certeza, contribuirão para o ensino da leitura e da escrita.

Referências

- ANTUNES, I. *Lutar com as palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BARBARI, S. *A Função dos Dêiticos na Organização do Texto*. [07 ago. 2011]. Disponível em: <<http://sersibardari.com.br/wp-content/uploads/2011/08/A-fun%C3%A7%C3%A3o-dos-d%C3%AAticos-na-organiza%C3%A7%C3%A3o-do-texto.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2013.
- BARONAS, R. L. *Ainda sobre a necessidade de qualificação do debate em relação à língua e ao seu ensino*. [18 jun. 2009]. Disponível em: <http://www.clickciencia.ufscar.br/portal/edicao15/colunista_roberto4.php>. Acesso em: 18 set. 2013.
- CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de Lingüística e Gramática: referente à língua portuguesa*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- FIORIN, J. L. Pragmática. In: José Luiz Fiorin (Org.). *Introdução à lingüística II: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2004.
- _____. *Elementos de Análise do Discurso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1990.
- FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. *Para Entender o Texto: leitura e redação*. 17. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- LA FONTAINE, J. *Fábulas de Esopo*. Adaptação de Lúcia Tulchinsky. São Paulo: Scipione, 1998.
- PIRES, V. L.; WERNER, K. C. G. A dêixis na teoria da enunciação de Benveniste. In: *Letras - Émile Benveniste: Interfaces Enunciação & Discursos*, n. 33, p. 145-160, maio 2007. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/revistaletras/artigos_r33/revista33_9.pdf>. Acesso em: 26 maio 2013.
- RODARI, G. *Gramática da fantasia*. Tradução de Antonio Negrini. São Paulo: Summus, 1982.

ANEXO

ADVÉRBIOS DO SISTEMA ENUNCIATIVO		
Anterior	Concomitante	Posterior

Há pouco	Agora, logo	Daqui a pouco
Ontem	Hoje	Amanhã
Há uma (duas) semanas /meses/anos, etc.	Neste momento, nesta altura	Dentro de um ou em um(a) (duas, etc.) semanas/ mês(es)/ano(s), etc.
No mês/ano, etc. passado No último mês/dia 5, 6, etc.		No próximo dia 20, 21, etc./mês/ano, etc.

ADVÉRBIOS DO SISTEMA ENUNCIVO		
Anterior	Concomitante	Posterior
Na véspera	Então	
Na antevéspera		
No dia/mês/ano, etc. anterior	No mesmo dia/mês/ano, etc.	No dia/mês/ano, etc. seguinte
Um(a) semana/mês/ano, etc. antes		Um(a) dia/semana/mês/ano, etc. depois Daí/dali uma(a)(s) horas/ dias, etc.